

Boa Nova para cada dia / Abril 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

António Santana, s.j. (Domingos e Tríduo Pascal)

Tempo Pascal – Tríduo Pascal / Domingo da Ressurreição

Qua, 1 – QUARTA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 50, 4-9a / Slm 68 (69), 8-10.21bcd-22.31.33-34 / Mt 26, 14-25

Que estais dispostos a dar-me para vos entregar Jesus? (Evangelho)

O que é que nos dá mais prazer do que seguir Jesus? Às vezes, seguir Jesus é seguir a rotina, é cumprir um dia-a-dia cinzento. Nem todos os dias são particularmente excitantes. E o pecado aparece como muito mais excitante. Mas é no cinzento do dia-a-dia, quando o entusiasmo não nos sorri, que temos que jogar a nossa fidelidade. Conscientes que a nossa fidelidade também passa por arranjarmos maneira de nos entusiasmos com a nossa vida. O leitor é fiel?

Qui, 2 – QUINTA-FEIRA SANTA

MISSA VESPERTINA DA CEIA DO SENHOR – Ano B

Ex 12, 1-8.11-14 / Slm 115 (116) 12-13.15-16bc.17-18 / 1 Cor 11, 23-26 / Jo 13, 1-15

Entramos no coração da Semana Santa, com o chamado «Tríduo Pascal»: inicia-se ao fim do dia de hoje, com a missa vespertina da Ceia do Senhor, continua sexta-feira, com a solene acção litúrgica da Paixão do Senhor, na qual somos convidados a adorar a Cruz, e culmina na grande Vigília Pascal de sábado à noite.

As raízes da Eucaristia e da Páscoa cristã encontram-se na ceia pascal judaica, como vem descrita no livro do Êxodo que lemos na primeira leitura. Nas vésperas da saída do Egipto, depois da dura servidão imposta pelo faraó, o povo de

Deus está prestes a percorrer a longa travessia que o conduz à Terra Prometida. Após a escolha de um cordeiro ou um cabrito de um ano, de o imolar ao cair da tarde e de espalhar o sangue pelos umbrais da porta, deve comê-lo assado ao fogo com pães ázimos e ervas amargas. Completa o texto que «este dia será para vós uma data memorável, que haveis de celebrar com uma festa em honra do Senhor. Festejá-lo-eis de geração em geração, como instituição perpétua».

Quando Jesus pede aos discípulos para irem à sua frente a preparar a

ceia da Páscoa, é a esta ceia judaica que se refere. Inserido na cultura e na religião judaica do seu tempo, continua a tradição dos seus antepassados, cumprindo o ritual prescrito. Prepara-se o cordeiro, os pães ázimos e as ervas amargas. A mesa é posta e Jesus senta-se com os seus discípulos para que se desenrole o cerimonial litúrgico das bênçãos prescritas para esta refeição. Para os discípulos, até aqui tudo encaixa como previsto. Mas, a certo momento da refeição, Jesus transforma a ceia pascal judaica numa outra ceia, dando-lhe um novo significado. Não é apenas a recordação da saída do Egipto, mas é o cumprimento da sua missão de dar a vida pela redenção da humanidade. Como nos relata o Evangelho de S. João, de forma imprevista Jesus coloca uma toalha à cintura e começa a lavar os pés aos presentes. Este gesto, atribuído ao criado, é assumido por Jesus como exemplo a seguir. «Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-Me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou. Se Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também». Diante

deste gesto, somos interpelados na forma como nos colocamos ao serviço daqueles que vivem ao nosso lado, sobretudo dos mais desfavorecidos; como estamos disponíveis para colaborar com a comunidade cristã onde estamos inseridos; por fim, como a Eucaristia nos fortalece e envia em missão.

A segunda leitura, retirada da primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios, recorda-nos a instituição da Eucaristia, como Jesus a fez. Tomando o pão, disse: «Isto é o meu corpo, entregue por vós. Fazei isto em memória de Mim»; depois, tomando o cálice, disse: «Este cálice é a nova aliança no meu sangue. Todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de Mim».

Hoje recordamos o que o Senhor fez na Última Ceia com os seus discípulos de uma vez para sempre. É a mesma Eucaristia que se celebra todos os dias, memorial da Páscoa do Senhor e actualização daquela ceia que Jesus comeu com os seus discípulos. De certa forma, quando celebramos, é como se estivéssemos ali, há dois mil anos, a presenciar o mistério do Filho de Deus que Se faz servo dos homens e mulheres de todos os tempos.

Sex, 3 – SEXTA-FEIRA SANTA **SOLENE ACÇÃO LITÚRGICA DA PAIXÃO DO SENHOR –**

Ano B / 1ª Sexta-Feira

Is 52, 13 – 53, 12 / Slm 30 (31) 2.6.12-13.15-16.17.25 / Hebr 4, 14-16; 5, 7-9 / Jo 18, 1 – 19, 42

Hoje é Sexta-feira Santa. Os altares estão despidos e desprovidos de tudo: sem toalha, não têm velas nem flores que os ornamentem. O Sacrário está vazio, não se celebra a Eucaristia e respira-se um sentimento de reverência pela morte de Jesus. É assim que somos convidados à contemplação do mistério de Cristo que Se deixa morrer na Cruz. A solene acção litúrgica da Paixão do Senhor compreende três momentos, interligados entre si, que é preciso viver intensamente: começa com a liturgia da Palavra, seguida da adoração da Cruz e termina na liturgia da comunhão.

A liturgia da Palavra inicia-se com a leitura do quarto cântico do «servo sofredor», descrito pelo profeta Isaías. Estamos diante de um personagem misterioso, um «servo do Senhor» que aceita sobre si as dores de todo o povo como sacrifício de expiação. A cada detalhe da descrição deste homem, encontramos semelhanças com os relatos da Paixão de Jesus: «Desprezado e repellido pelos homens, homem de dores, acostumado ao sofrimento»; «Ele foi trespassado por causa das nossas culpas e esmagado por causa das nossas iniquidades. Caiu sobre ele o castigo que nos salva: pelas suas chagas fomos curados»; «Como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha muda ante aqueles que a tosquiavam, ele não abriu a boca»; «Terminados os sofrimentos, verá a luz. O justo, meu servo, justificará a muitos».

Aquilo que acabámos de ler torna-se realidade na narração da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, como a lemos hoje segundo o Evangelho de S. João: «Pilatos mandou que levassem Jesus e O açoitassem»; «E davam-Lhe bofetadas»; «Entregou-lhes, então, Jesus, para ser crucificado»; «Estava ali um vaso cheio de vinagre. Prenderam a uma vara uma esponja embebida em vinagre e levaram-Lha à boca. Quando Jesus tomou o vinagre, exclamou: “Tudo está consumado”». Cheio de amor e de bondade para com todos, Jesus é crucificado e condenado à morte. Inocente, dá a vida por cada um de nós. Como diz a Epístola aos Hebreus, «apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento. E, tendo atingido a sua plenitude, tornou-Se, para todos os que Lhe obedecem, causa de salvação eterna».

Contemplando a Cruz de Cristo, somos convidados a avaliar a forma como vivemos na lógica da promoção da justiça e da defesa da verdade. Quantas vidas inocentes são objecto de perseguição, marginalização e abuso; pessoas indefesas que são exploradas; minorias que têm de deixar as suas terras e os seus pertences pela sua religião ou em fuga de conflitos armados; seres humanos incapacitados e esquecidos pela sociedade, mulheres silenciadas na violência e nos maus-tratos. Todos eles pedem gritos de respeito e de compreensão, num mundo onde parece que só

vence quem controla e tem poder. Na oração diante da Cruz, recordemos o lado sofredor do mundo e peçamos a graça de ser parte da solução, mais do que parte do problema. E ainda que pouco possamos fazer por aqueles que vivem longe

de nós, empenhemo-nos por unir e construir junto daqueles com quem vivemos. A transformação do mundo começa ao nosso lado, na família, no emprego, no bairro onde se vive, na comunidade cristã a que se pertence.

Sáb, 4 – SÁBADO SANTO

SOLENE VIGÍLIA PASCAL – Ano B / 1º Sábado

Gen 1, 1 – 2, 2 ou 1, 1.26-31a / Slm 103 (104), 1-2a.5-6.10.12-14.24.35a ou 32 (33), 4-7.12-13.20.22 / Gen 22, 1-18 ou 22, 1-2.9a.10-13.15-18 / Slm 15 (16), 5.8-11 / Ex 14, 15 – 15, 1 / Ex 15, 1-6.17-18 / Is 54, 5-14 / Slm 29 (30), 2.4-6.11a.13b / Is 55, 1-11 / Is 12, 2-6 / Bar 3, 9-15.32 – 4, 4 / Slm 18 (19), 8-11 / Ez 36, 16-28 / Slm 41 (42), 3.5bcd; 42 (43), 3-4 / Rom 6, 3-11 / Slm 117 (118), 1-2.16ab-17.22-23 / Mc 16, 1-7

No final deste dia de Sábado Santo, a Igreja reúne-se para a missa solene da Vigília Pascal. Seguindo a tradição judaica, em que os dias começavam com o pôr-do-sol, celebra-se o anúncio da Páscoa do Senhor nas vésperas de domingo. Santo Agostinho, numa homilia proferida nesta noite, notava que devemos também nós «vigiar nesta vigília, que é como a mãe de todas as santas vigílias, e na qual o mundo todo vigia»: vigiam os corações piedosos, os que zelam por todos, os que se aproximam da fé, aqueles que são amigos de Cristo. E completa o discurso dizendo: «Vigie-mos, e oremos; para que tanto exteriormente quanto interiormente celebremos esta Vigília. Deus nos falará durante as leituras; falemos-Lhe também nós em nossas preces. Se ouvimos obedientes as suas palavras, em nós habita Aquele a quem oramos».

Depois do Lucernário ou o Rito da Luz, em que se faz a bênção do lume novo, acendem-se as velas e canta-se o Precónio Pascal. Dá-se então início à longa liturgia da Palavra, resumo das grandes etapas da História da Salvação. Ao longo das sete leituras do Antigo Testamento e dos respectivos salmos, somos introduzidos nos grandes marcos da caminhada do povo de Deus ao encontro do Messias esperado. Relata-se a criação do mundo, a fé do patriarca Abraão na experiência do sacrifício de Isaac, a fuga do Egito na travessia das águas que se abrem à passagem de Moisés, a Aliança de amor de Deus na Lei e nos Profetas. Também a nossa vida é feita de acontecimentos que marcam a nossa história, uns mais serenos, alegres e fecundos, outros mais dolorosos, assinalados pela morte e pela tristeza. Em tudo isso está a marca do Ressuscitado.

Nesta noite de vigília, acendamos a vela da fé que traz uma nova luz aos acontecimentos da nossa vida.

A liturgia da Palavra continua depois com a leitura da Epístola aos Romanos. Recorda S. Paulo que o baptismo nos incorpora na vida de Cristo para que vivamos uma vida nova: «Todos nós que fomos baptizados em Jesus Cristo, fomos baptizados na sua morte. Fomos sepultados com Ele pelo Baptismo na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova». O mistério Pascal da morte e ressurreição de Jesus abre-nos a portas a uma vida mais fecunda e plena, dá sentido às mortes de todos os dias, às contrariedades, às preocupações, às incertezas, aos medos e às angústias que experi-

mentamos tantas vezes. «Se morremos com Cristo, acreditamos que também com ele viveremos».

Por fim, é pelo Evangelista S. Marcos que nos chega hoje o anúncio da ressurreição de Jesus. A menção «ao nascer do sol (...) no primeiro dia da semana» refere-se à nova criação oferecida por Deus à humanidade redimida pela morte de Jesus. Após as trevas da crucificação, nasce a aurora da vida plena, nasce o domingo, o «dia do Senhor». É a novidade absoluta: a vida venceu a morte! Cada dia das nossas vidas é este primeiro dia da semana em que somos convidados a recriarmos-nos na ressurreição, em que tudo começa de novo com o anúncio: «Ele ressuscitou! Não está aqui!»

Dom, 5 – DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR (Solenidade) – Ano B

Act 10, 34a.37-43 / Slm 117 (118) 1-2.16ab-17.22-23 / Col 3, 1-4 / Jo 20, 1-9

«O Senhor ressuscitou verdadeiramente. Aleluia.», anuncia-nos a antífona de entrada deste Domingo de Páscoa. Cristo está vivo e presente no meio de nós. É com esta alegria que a liturgia da Palavra nos convida a acolher o Ressuscitado em festa, na certeza de que, em Cristo, também nós ressuscitaremos.

A leitura dos Actos dos Apóstolos coloca-nos com Pedro em Cesareia, em casa de um centurião romano chamado Cornélio, que pede para

ser baptizado. Pedro expõe-lhe o essencial da fé, confirmando que o anúncio da Boa Nova é «Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem», «curando a todos os que eram oprimidos». Nesta catequese, lembra ainda que, depois da morte na cruz, «Deus ressuscitou-O ao terceiro dia» e «nós somos testemunhas de tudo o que Ele fez, nós que comemos e bebemos com Ele, depois de ter ressuscitado dos mortos». É interessante que esta catequese acon-

teça diante de Cornélio, a primeira pessoa “pagã”, isto é, totalmente fora da cultura e da religião judaica, que se converte ao Cristianismo, a dizer que agora nasce uma nova era em que ninguém fica excluído da vida do Ressuscitado. Também nós fazemos parte desta herança, a nós é-nos oferecida a vida plena, pois «quem acredita n’Ele recebe pelo seu nome a remissão dos pecados».

São muitas as testemunhas que nos confirmam que Jesus venceu a morte. Para além de Pedro, também o Apóstolo Paulo atesta a ressurreição de Jesus, lembrando que este acontecimento nos associa ao mistério da nossa fé. Na Epístola que escreve aos Colossenses, evoca o baptismo dos cristãos como abertura à participação na vida de Cristo ressuscitado: «Se ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto, porque a vossa vida está escondida com Cristo em Deus». Que significado tem para nós o ser cristão, à luz da Solenidade que hoje festejamos? O que muda ou pode mudar na nossa vida por sabermos que Jesus está vivo e Se faz presente entre nós?

O Evangelho de S. João traz-nos a narração do encontro de Maria

Madalena, de Pedro e de João com o túmulo vazio, sinal da ressurreição de Jesus. Inicialmente, não entendem o que vêem, mas depois a fé fá-los compreender o que está a acontecer. Este dia é descrito como «o primeiro dia da semana», como o início de uma nova era da humanidade, transformada pela vida de Jesus. Nasce a esperança de uma vida mais plena, onde Deus habita em todas as coisas. A fé cristã torna esta esperança da ressurreição numa certeza absoluta, pois Cristo ressuscitou e quem se identifica com Cristo nascerá com Ele para a vida nova e definitiva.

Numa homília atribuída a S. João Crisóstomo que se lê na Liturgia Ortodoxa da Páscoa, podemos encontrar este anúncio vigoroso: «Que todo o homem piedoso e amigo de Deus goze esta bela e luminosa festa! Que todo o servo fiel entre com júbilo na alegria do seu Senhor! Entrai todos na alegria do vosso Mestre! Primeiros e últimos..., ricos e pobres..., os que vigiaram e os que se deixaram dormir..., vós que jejuastes e vós que não jejuastes, alegrai-vos hoje! O festim está pronto, vinde todos».

Seg, 6 – 2º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

Act 2, 14.22-33 / Slm 15 (16), 5 e 8.9-10.11 / Mt 28, 8-15

Foi este o boato que se divulgou entre os judeus, até aos dias de hoje. (Evangelho)

Estamos a falar de um boato que já durava há mais ou menos 50 anos. Temos que perceber a nossa responsabilidade ao espalhar um boato. É muito grave sermos correias de transmissão para um “ouvi dizer” que prejudica alguém. E repare-se que a sociedade aceita estes dizeres com

hipocrisia. Se uma pessoa disser um palavrão é socialmente condenada. Mas espalhar boatos é uma prática em que muitas pessoas incorrem sem censura social. O leitor como é que faz?

Ter, 7 – 3º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

Act 2, 36-41 / Slm 32 (33), 4-5.18-19.20.22 / Jo 20, 11-18

Não me detenhas... (Evangelho)

É uma tentação grande deter Jesus dentro de nós: rezarmos muito bem, irmos diariamente à missa, termos uma piedade impecável, participarmos em actividades da paróquia, grupos de partilha, etc. E a nossa relação com os outros estar exactamente como há dez anos. A nossa relação com os outros, com o nosso cônjuge, com os filhos, com as pessoas da nossa comunidades, enfim, com os “outros” deve ir melhorando sempre. A do leitor melhora?

Qua, 8 – 4º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

Act 3, 1-10 / Slm 104 (105), 1-2.3-4.6-7.8-9 / Lc 24, 13-35

Homens sem inteligência e lentos de espírito. (Evangelho)

Há que fazer um esforço em perceber o que é que Deus quer de nós. Lermos o Evangelho, ouvirmos as leituras na missa (e etc.), mesmo acompanhadas de um comentário, não exclui um trabalho de reflexão pessoal sobre o que é que Deus quer de nós. Quanto mais não seja, para aplicar o comentário que nos tocou à nossa vida pessoal. Nada nos desculpa uma certa bacoquice de espírito devida à nossa preguiça.

Qui, 9 – 5º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

Act 3, 11-26 / Slm 8, 4-9 / Lc 24, 35-48

Tudo submetestes a seus pés. (Salmo)

Quer o salmista dizer que o mundo foi submetido por Deus aos pés do homem. E como é que temos tratado este mundo que foi posto aos nossos pés? Quando morrermos, como é que vamos responder à inevitável pergunta de Deus: «Como é que deixaste o mundo atrás de ti?» Que quantidade de água é que o leitor usa? Recicla o papel que usa? Usa-o de um lado e do outro? Por outro lado, pode cair em exageros: trata melhor os seus animais do que trata os seus irmãos?

Sex, 10 – 6º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

Act 4, 1-12 / Slm 117 (118), 1-2.4.22-24.25-27a / Jo 21, 1-14

Lançai a rede para a direita do barco e encontrareis. (Evangelho)

Às vezes, basta uma pequena mudança naquilo que fazemos para as coisas darem resultado. E apostolicamente também, claro. É preciso é sermos dóceis à voz do Espírito Santo, não termos o nosso coração empedernido. Às vezes, é a coragem de sairmos do “sempre se fez assim” ou do “toda a gente faz assim”. É terrível como “o que fulano faz” nos pode influenciar e como o facto de ninguém fazer nos pode tolher (“onde é que já se viu?”). O leitor está aberto ao Espírito Santo?

Sáb, 11 – 7º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

Act 4, 13-21 / Slm 117 (118), 1.14-15.16ab-18.19-21 / Mc 16, 9-15

Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura. (Evangelho)

Já se sabe que não podemos andar por todo o mundo, nem pregar o Evangelho a toda a criatura. Mas normalmente também não falamos da Boa Nova às pessoas com quem nos damos. Como fazer, então, para cumprir este ditame? É a nossa atitude que tem que proclamar o Evangelho e também a defesa dos valores da Igreja. Qual é a atitude do leitor?

Dom, 12 – DOMINGO II DA PÁSCOA – Ano B

(Domingo da Divina Misericórdia)

Act 4, 32-35 / Slm 117 (118), 2-4.16ab-18.22-24 / 1 Jo 5, 1-6 / Jo 20, 19-31

Oito dias depois do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor, celebramos hoje o conhecido Domingo de Pascoela, também chamado da Divina Misericórdia. Os primeiros cristãos reúnem-se em comunidades, a Igreja começa a tomar forma e experimenta-se uma alegria nova no encontro com o Ressuscitado.

O livro dos Actos dos Apóstolos traz-nos a narração do sentimento inicial da comunidade cristã primitiva: «a multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração

e uma só alma; ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas tudo entre eles era comum». Com a Ressurreição, abre-se uma vida nova entre os discípulos de Jesus. A desilusão da morte do Mestre e o medo de serem reconhecidos dão lugar à alegria da presença do Senhor, à audácia da evangelização e à união fraterna. De uma forma natural, surge entre os cristãos a necessidade da partilha dos dons e dos bens recebidos individualmente na comunidade dos crentes. Quem tem

de sobra, põe à disposição o que falta a quem não tem e, assim, o todo ganha e fortalece-se a Igreja nascente. Além disto, diz ainda o texto que «os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus com grande poder e gozavam todos de grande simpatia». No confronto com esta narração, como nos sentimos interpelados a renovar as nossas comunidades eclesiais, as nossas famílias e o nosso meio? O que podemos fazer para vivermos relações mais sinceras e verdadeiras, orientadas para o bem comum?

Na Primeira Epístola de S. João, lemos que «todo o que nasceu de Deus vence o mundo. Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é o vencedor do mundo senão aquele que acredita que Jesus é o Filho de Deus?». É pela fé em Jesus ressuscitado que crescemos em Igreja, que nos juntamos para celebrar a Eucaristia, que acreditamos que Deus cuida de nós, que nos sentimos pertença da comunidade que se deixa guiar pelo Espírito Santo. «É o Espírito que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade», completa S. João. Em tempo de Páscoa, como avaliamos

a nossa fé em Jesus Cristo? Talvez fosse bom procurar um livro que ajudasse a entender melhor quem é Jesus, que abrisse a uma maior compreensão da pertença à Igreja ou de como viver melhor a participação no sacramento da Eucaristia.

O Evangelho de S. João apresenta-nos duas das aparições de Jesus aos Apóstolos. A primeira, «no primeiro dia da semana», estando fechados em casa com medo dos Judeus; a segunda, «oito dias depois», novamente em casa e na presença de Tomé, ausente na aparição anterior. O que sobressai imediatamente é esta nota da manifestação do Senhor no início da semana, quando a comunidade se reúne para celebrar a Eucaristia. Depois, a forma como Jesus saúda os presentes: «A paz esteja convosco», como que a dizer que, de agora em diante, é a sua paz que guia os corações dos homens. Por fim, vemos a experiência de Tomé que tem dificuldade em acreditar sem ver. O caminho dos crentes em Igreja não é ausente de dúvidas e interpelações, mas é preferível caminhar a passo incerto e hesitante, que ficar parado e fechado nas suas certezas.

Seg, 13 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

Act 4, 23-31 / SIm 2, 1-3.4-6.7-9 / Jo 3, 1-8

Concedei aos vossos servos que possam anunciar... a vossa palavra. (1ª Leitura)

Anunciar a Palavra é sobretudo vivê-la. E uma maneira de a vivermos é com a caridade monetária. Caro leitor, como é que isso está?

Como é que isso está proporcionalmente ao total do seu dinheiro? E proporcionalmente ao que gasta no que não é estritamente necessário?

Ou proporcionalmente ao que gasta nas suas férias? Que percentagem é que gasta, digamos, com alguma instituição de caridade?

Ter, 14 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

Act 4, 32-37 / Slm 92 (93), 1ab.1c-2.5 / Jo 3, 7b-15

Todos devem nascer de novo. (Evangelho)

Temos que nascer de novo todos os dias. A nossa caminhada tem que ser um esforço de todos os dias e um esforço renovado todos os dias. Todos os dias, ao acordar, nascemos de novo para essa caminhada, não no sentido de anularmos o trabalho já feito, mas para andarmos com novas forças. E ponhamos metas, ponhamos objectivos ascético-pedagógicos que tenhamos que cumprir. Não progredimos com objectivos vagos. (Vamos pôr alguns hoje?)

Qua, 15 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

Act 5, 17-26 / Slm 33 (34), 2-3.4-5.6-7.8-9 / Jo 3, 16-21

Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho. (Evangelho)

E o seu Filho vem já na sucessão de uma série de gente que anunciava a palavra de Deus, os profetas. E depois de Cristo há também uma série de pessoas que anunciam a palavra de Deus. O importante é deixarmo-nos tocar por essas pessoas. O leitor tem um bom sinal da sua vida espiritual se os escritos ou conferências espirituais o tocam e, sobretudo, o fazem reagir. Caso contrário, só estaria a anestesiar a sua consciência.

Qui, 16 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

Act 5, 27-33 / Slm 33 (34), 2-9.17-18.19-20 / Jo 3, 31-36

O Pai ama o Filho e entregou tudo nas suas mãos. (Evangelho)

Nós fomos entregues nas mãos do Filho. Queremos mãos melhores? Mas que quer isto dizer, para além de ser uma frase piedosa? Que estamos entregues aos cuidados de Jesus. E que é que isso quer dizer? Que Ele nos guia e conduz. Concretamente, que comunica connosco, que nos ensina o caminho, que nos ampara, conforta e também que Se alegra connosco e que connosco Se entristece. Aproveitemo-Lo. Rezemos-Lhe.

Sex, 17 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

Act 5, 34-42 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Jo 6, 1-15

Para que nada se perca. (Evangelho)

Jesus não queria que se perdesse nada do que tinha multiplicado. Assim, ainda serviria para outras pessoas. Também os milagres que Jesus faz em nós têm que servir para outras pessoas. Normalmente, não os andamos a contar, não andamos a contar o que se passa dentro de nós, mas a nossa alegria tem que ser contagiante. Não uma alegria pateta, mas a nossa alegria de viver, a nossa energia pessoal. (E às vezes não é fácil. Depende da nossa personalidade...)

Sáb, 18 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

Act 6, 1-7 / Slm 32 (33), 1-2.4-5.18-19 / Jo 6, 16-21

Quiseram então recebê-Lo no barco mas logo o barco chegou a terra. (Evangelho)

Temos que ter cuidado com o que é tarde demais, com as oportunidades perdidas. Há coisas que só podemos fazer naquela altura. E, por vezes, são coisas que Deus queria que nós fizéssemos e para nossa grande felicidade. Ou, às vezes, são decisões que tomamos – ou que não tomamos – e que nos vão afectar a vida. E depois isso deixa-nos um amargor toda a nossa vida. Ao menos, daqui para a frente tenhamos cuidado com isso.

Dom, 19 – DOMINGO III DA PÁSCOA – Ano B

Act 3, 13-15.17-19 / Slm 4, 2.4.7.9 / 1 Jo 2, 1-5a / Lc 24, 35-48

Em tempo de Páscoa, a liturgia da Palavra deste domingo recorda-nos que a presença do Ressuscitado acontece no seio da comunidade. Cronologicamente, tudo se passou há cerca de dois mil anos, mas a verdade é que Jesus continua vivo e actuante no mundo.

O Evangelho de S. Lucas traz-nos mais um relato da aparição de Jesus. Depois do encontro com os discípulos de Emaús, que regressam a Jerusalém para contar a Boa-Nova, o próprio Ressuscitado Se apresenta no meio da comunidade cristã com as palavras: «A paz esteja convosco». É sempre esta a saudação que

dirige àqueles com quem Se encontra, a trazer a paz de Deus aos corações atribulados e inquietos depois dos últimos acontecimentos. Feridos pela experiência da cruz e com a morte do Mestre, têm dificuldade em acreditar no que vêem. Espancados e cheios de medo, diz-lhes Jesus: «Porque estais perturbados e porque se levantam esses pensamentos nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo; tocai-Me e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho». Uma coisa que Jesus faz hoje é mostrar as suas chagas, sinal da sua vida entre-

gue por nós. As chagas são isto mesmo, sinal do dar a vida. Também nós temos as nossas chagas, feridas de relações e de acontecimentos que nos fizeram sofrer, mas também da entrega aos outros. Neste dia, posso rezar as minhas chagas, oferecê-las a Jesus e pedir a sua cura.

Um outro elemento importante do tempo pascal está nas experiências com Jesus ressuscitado acontecerem quando a comunidade está reunida. É no contexto eclesial dos crentes que partilham a mesma fé – na escuta da Palavra, na fracção do pão, na partilha fraterna e na caridade – que se abre o entendimento ao mistério pascal. É aqui que Jesus Se despede dos discípulos dizendo: «Vós sois as testemunhas de todas estas coisas», a prepará-los para a missão de anunciadores da Boa-Nova do reino de Deus.

Nos Actos dos Apóstolos, encontramos um destes testemunhos, a partir do discurso do apóstolo S. Pedro: «Negastes o Santo e o Justo e pedistes a libertação de um assassino; matastes o autor da vida, mas Deus

ressuscitou-O dos mortos, e nós somos testemunhas disso». E completa: «arrependei-vos e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam perdoados». Também S. João, na sua primeira Epístola, dá testemunho do encontro com Jesus ressuscitado: «se alguém pecar, nós temos Jesus Cristo, o Justo, como advogado junto do Pai. Ele é a vítima de propiciação pelos nossos pecados». O pescador da Galileia, instituído a Pedra da Igreja, e o mais jovem do grupo dos Doze recordam aos crentes que o Ressuscitado continua a revelar-Se aos corações dos humildes, daqueles que se reconhecem frágeis e pecadores diante de Deus. Se a debilidade humana enfraquece o amor e a fidelidade ao Senhor, também a graça do Sacramento da Reconciliação fortalece a fé dos cristãos. Não será esta uma oportunidade de procurar um sacerdote para ver como anda a relação com Deus? Como tornar este tempo pascal mais sintonizado com Jesus, que Se quer fazer presente na vida de cada um de nós?

Seg, 20 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

Act 6, 8-15 / Slm 118 (119), 23-24.26-27.29-30 / Jo 6, 22-29

Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna. (Evangelho)

Jesus compara-Se ao alimento. Tal como acontece com o alimento, também não se pode tomar Jesus todo de uma vez, vai-se assimilando Jesus à medida do nosso estágio espiritual, vai-se “digerindo”, vai-se “comendo” em conjunto e vai-se partilhando. Às vezes, parece que Deus nos tira o alimento: a oração parece-nos seca. Às vezes, parece que desfalecemos por falta de comida. Mas o leitor não se deixe desfalecer.

Ter, 21 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

Act 7, 51 – 8, 1a / Slm 30 (31), 3cd-4.6ab.7b.8a.17.21ab / Jo 6, 30-35

Quem vem a Mim nunca mais terá fome, quem acredita em Mim nunca mais terá sede. (Evangelho)

Jesus sacia plenamente. O pior é quando não sacia plenamente, quando a sua voz é só uma vozinha distante, ou a sua imagem está envolta nas brumas da vida: quando as realidades deste mundo são muito mais atraentes. O problema está aí e todos temos que fazer um exame de consciência para sabermos em que circunstâncias é que Jesus não nos sacia completamente. O leitor faça-o hoje.

Qua, 22 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

Act 8, 1b-8 / Slm 65 (66), 1-3a.4-5.6-7a / Jo 6, 35-40

Todos aqueles que o Pai Me dá virão a Mim. (Evangelho)

Quando? A que velocidade? Com que percentagem da sua pessoa? Depois de quantos desvios, de quantas perdas de tempo? É como aquela pessoa tão vagarosa, tão vagarosa que mesmo quando corria sozinha chegava em segundo lugar? Repare que pode chegar sempre atrás do que Deus queria, sempre atrás do que podia ter sido...

Qui, 23 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

Act 8, 26-40 / Slm 65 (66), 8-9.16-17.20 / Jo 6, 44-51

Ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que Me enviou, não o trazer. (Evangelho)

Mas o Pai traz todos nós. Temos que nos deixar conduzir pelo Pai com grande docilidade. Normalmente, nós temos uma relação mais desenvolvida com Jesus. Talvez o leitor possa aproveitar esta oportunidade para desenvolver alguma relação com esse Pai que lhe traz Jesus. Primeiro, pergunte-se o que é que isto quer dizer, como é que isto se aplica na sua vida. Depois, abandone-se ao Pai.

Sex, 24 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

Act 9, 1-20 / Slm 116 (117), 1.2 / Jo 6, 52-59

Aquele que Me come viverá por Mim. (Evangelho)

Mas tem que comer, quer dizer, tem que assimilar. Tem que haver um intercâmbio entre Cristo e a pessoa e a iniciativa tem que ser da pessoa. Quando comungamos, Cristo como que fica dentro de nós muito

quietinho. Se não nos mexermos, Ele também não Se mexe. Melhor, mexe-Se mas não nos força a nada. Vai-nos convidando a tornar essa comunhão uma força activa dentro de nós. Se o fizermos, Jesus ir-Se-á revelando, irá desabrochando dentro de nós. É isto que o leitor quer? Faça por isso...

Sáb, 25 – S. MARCOS (Festa)

1 Ped 5, 5b-14 / Slm 88 (89), 2-3.6-7.16-17 / Mc 16, 15-20

Revesti-vos de humildade uns para com os outros. (1ª Leitura)

Um dos sentidos da palavra humildade é respeito. E às vezes falta respeito nos nossos contactos. Nos nossos contactos com Deus e nos nossos contactos com os outros. Temos que nos habituar a ouvir com respeito, o que em muitos casos quer dizer ouvir até ao fim. Isso tanto se aplica à relação com os outros como à relação com Deus.

Dom, 26 – DOMINGO IV DA PÁSCOA – Ano B

(Domingo do Bom Pastor)

Act 4, 8-12 / Slm 117 (118), 1 e 8-9.21-23.26.28cd.29 / 1 Jo 3, 1-2 / Jo 10, 11-18

O Domingo IV da Páscoa é denominado o Domingo do Bom Pastor. Nesta etapa do percurso pascal da Igreja, a liturgia da Palavra propõe como tema de meditação um excerto do capítulo 10 do Evangelho de S. João, onde Jesus Se apresenta como o “Bom Pastor”.

Depois da cura de um cego de nascença, Jesus vê-Se numa feroz disputa com os fariseus. Diante da incredulidade destes judeus em acreditarem no milagre realizado, afirma a certo ponto: «Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. O mercenário não se preocupa com as ovelhas». São palavras fortes e simultaneamente duras para aqueles que as ouvem. Jesus assu-

me a figura vetero-testamentária do Pastor que vem para resgatar as ovelhas das mãos dos falsos pastores que se apascentam a si mesmos. Jesus diz que são como mercenários, que se comportam como lobos. No confronto com os mercenários, conhecemos as características do Bom Pastor, que veio para as ovelhas perdidas, desejoso de as conhecer, de as reunir no seu rebanho, de dar a vida por elas para que vivam em segurança. A sua missão é alargada, não só às ovelhas perdidas da casa de Israel, mas a todos os povos da terra: «Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil e preciso de as reunir; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só

Pastor». Esta é a imagem da Igreja universal que encontra em Jesus ressuscitado a sua fonte de vida. Há ainda uma característica do texto de S. João que deve ser notada: no original grego, “Bom Pastor” escreve-se “Pastor Belo” (*poimén kalós*), sendo que o adjetivo “belo” tem, aqui, um sentido moral. Jesus tem uma beleza ética mais do que uma beleza estética, é bom porque é bela a bondade com que dá a vida pelas suas ovelhas.

Com a sua vida, Jesus abriu à humanidade as portas do redil do Pai, restituiu ao homem a sua dignidade original e recria-o numa vida nova. Como lembra o apóstolo e evangelista S. João, na sua primeira Epístola, «agora somos filhos de Deus». O baptismo incorpora o crente na família de Deus por participação na vida de Jesus. Perante os desafios do mundo de hoje, onde as fotografias “selfies” espelham o individualismo e o mundo centrado em si próprio, é preciso ser mais parecido com o Bom Pastor:

atento aos outros, disponível para ajudar quem mais precisa, aberto a acolher sem preconceitos e capaz de potenciar os talentos dos outros, mesmo que fique escondido “fora da fotografia”.

Também o apóstolo S. Pedro, interpelado pelo sinédrio a respeito da autoridade da cura de um enfermo, não hesita em responder, cheio do Espírito Santo: «É em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, que vós crucificastes e Deus ressuscitou dos mortos, é por Ele que este homem se encontra perfeitamente curado na vossa presença». É em nome de Jesus Cristo, o Bom Pastor, que os cristãos fazem obras maiores que si próprios, trazem a paz aos corações atribulados, unem relações destruídas, fomentam a paz junto das comunidades onde vivem, repartem o que têm em excesso e oferecem o seu tempo pela construção do Reino. Identificas-te com estas características ou há alguma delas ainda a melhorar?

Seg, 27 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

Act 11, 1-18 / SIm 41 (42), 2.3; 42 (43), 3.4 / Jo 10, 1-10

O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. (Evangelho)

O problema é nós não acharmos isso antes de termos sido roubados, mortos, destruídos. Porque o ladrão aparece sempre com falas maviotas e bela aparência. Se não fosse assim, ninguém se deixava roubar, quer dizer, ninguém pecava. O ladrão, que é o pecado, aparece sempre muito atractivo. Ou, pelo menos, há uma parte do ladrão que nos atrai, se bem que nós tenhamos perfeita consciência que caminhamos para a nossa ruína, destruição. Peçamos a Deus para sermos mais atraídos pelo anjo da luz.

Ter, 28 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

Act 11, 19-26 / Slm 86 (87), 1-3.4-5.6-7 / Jo 10, 22-30

Ninguém pode arrebatá-la da mão do Pai. (Evangelho)

Só nós próprios, só o nosso pecado, o que é uma pena imensa. Mas Deus não ia permitir uma coisa dessas. Se pecamos, Deus vai atrás de nós com todo o seu poder e só o desespero é que nos pode separar d'Ele. O desespero pode ser fruto do pecado ou de uma doença psíquica, ou das duas coisas. Peçamos, seriamente, que Deus nos livre de ambos.

Qua, 29 – SANTA CATARINA DE SENA (Festa)

1 Jo 1, 5 – 2, 2 / Slm 102 (103), 1-4.8-9.13-14.17-18a / Mt 11, 25-30

Deus é luz e n'Ele não há trevas. (1ª Leitura)

N'Ele não há depressão, não há infelicidade, não há nervos, não há precipitação, não há falta de entusiasmo, não há o reverso da medalha. Em nós há. Em nós há um túnel escuro com todo aquele sofrimento. Mas podemos sair do túnel deixando-nos atrair pela luz, deixando-nos colar à luz. Contemplemos a luz, que a luz que Deus é não encandeia, e deixemo-nos absorver e aquecer por ela.

Qui, 30 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

Act 13, 13-25 / Slm 88 (89), 2-3.21-22.25.27 / Jo 13, 16-20

Jesus acabou de lavar os pés. (Evangelho)

Lavar os pés era um gesto de escravo. Jesus fê-Lo como um homem livre, que é a única forma de o fazer. Um escravo faz as coisas obrigado-revoltado ou obrigado-resignado. Logo que é libertado, só continua a fazer o que fazia se for de bom grado. Ninguém pode amar à força porque o amado vai sentir que não está a ser amado, que está a ser manipulado, que está a servir para quem «ama» enganar a consciência. Amar porque a nossa consciência manda é como dar de comer a um filho por dever. Mais valia entregá-lo a uma empregada.